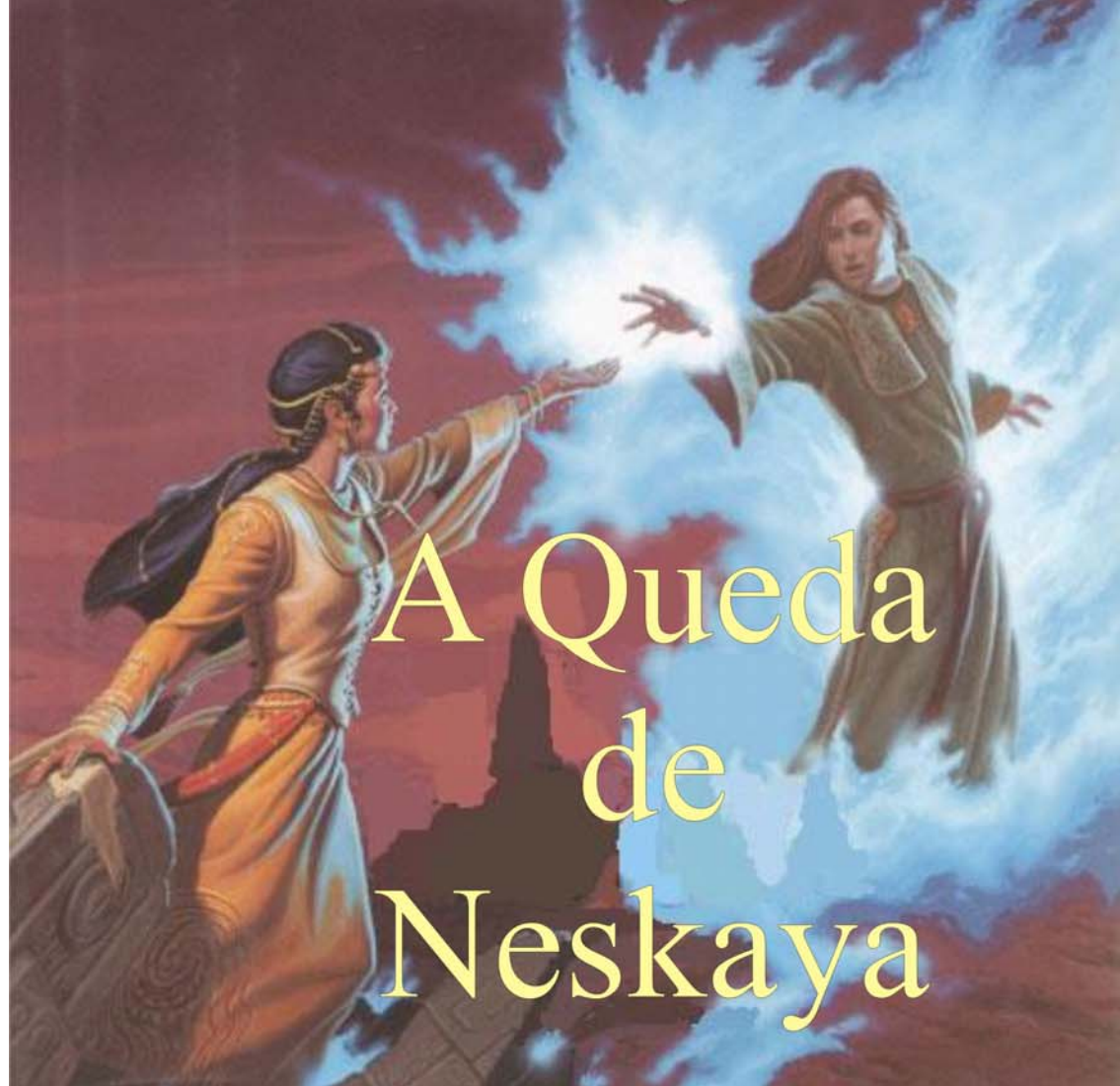


MARION ZIMMER  
BRADLEY  
DEBORAH J. ROSS



A Queda  
de  
Neskaya

**Marion Zimmer Bradley**  
&  
**Deborah J. Ross**

*A Queda de Neskaya*

Livro Um da  
Trilogia do *Fogo Aderente*

Título Original  
THE FALL OF NESKAYA

Copyright © 2001 by The Marion Zimmer Bradley Literary Works Trust



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

*Rose, esse é para você!*

## AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos à lista de suspeitos de sempre: Betsy Wollheim, Ann Sharp, Elisabeth Waters, Susan Wolven e especialmente à Dave Trowbridge, pelos *mcguffins*, esclarecimentos militares, e muito mais.

## OBSERVAÇÃO

O leitor mais atencioso pode notar discrepâncias no que diz respeito a alguns detalhes em relação a narrativas mais modernas. Isso sem dúvida se deve às histórias fragmentadas que sobreviveram à atualidade. Muitos registros se perderam durante os anos subseqüentes às Eras do Caos e Cem Reinos, e outros foram distorcidos pela tradição oral.

## NOTA DA AUTORA

Marion Zimmer Bradley, muitíssimo generosa com “seu mundo especial” de Darkover, adorava encorajar novos escritores. Nós já éramos amigas quando ela começou a editar as antologias de Darkover e *Sword & Sorceress*. A compatibilidade entre minha “voz” literária natural e o que ela procurava era extraordinária. Ela adorava ler o que eu adorava escrever, e por vezes citou “A Morte de Brendan Ensolare” (*As Quatro Luas de Darkover*, DAW, 1988) como um dos seus favoritos.

Quando a saúde de Marion declinou, eu fui convidada a trabalhar com ela em um ou mais romances de Darkover. Decidimos, ao invés de ampliar a narrativa “moderna” de Darkover, retornar às Eras do Caos. Marion concebeu uma trilogia começando com a *Rebelião de Hastur* e *A Queda de Neskaya*, a duradoura amizade entre Varzil o Bom e Carolin Hastur, e chegando até a destruição de Hali e a assinatura da Aliança. Enquanto eu rabiscava anotações o mais depressa possível, ela se recostava, os olhos bem abertos, e começava uma história com, “*Os Hasturs procuraram controlar os piores excessos das armas de laran, mas sempre havia mais sendo desenvolvidas. . .*” ou “*De fato, Varzil e Carolin haviam sido criados com as histórias dos desventurados amantes que morreram na destruição de Neskaya...*”

Esta é a história.

Deborah J. Ross  
Março de 2001

# LIVRO I

## Um

Coryn Leynier despertou de um sonho com fogo se alastrando, descendo das montanhas. O sonho começara tranquilo, mas com uma vivacidade fora do comum, como muitos sonhos que tinha desde que seu corpo começara a sofrer as mudanças da adolescência. A princípio seu planador pairava abaixo do enorme Sol Sangrento de Darkover, as velas de seda estendidas sobre os frágeis suportes de madeira. No último verão, seu irmão mais velho, Eddard, o herdeiro das terras montanhosas de Verdanta, lhe ensinara a cruzar pequenas distâncias usando as correntes de ar. Em seu sonho, Coryn voava livre. Não sentia medo da altura, experimentava apenas o prazer dos céus ilimitados.

Tempestades de verão trovejaram ao longe, sobre as Hellers. O ar crepitava com a energia. Uma espiral de fumaça se elevava de um bosque de árvores-de-resina. Coryn ficou tenso. Ele e seus irmãos atuavam como vigias de incêndios florestais desde que podia se lembrar, às vezes competindo sobre quem seria o primeiro a soar o alarme.

Em seu sonho, Coryn lutava para virar o planador, voltar ao Castelo Verdanta para dar o aviso. Mas o aparato de madeira e couro não colaborava. O planador lutava com ele como se possuísse vida, girando e dando voltas, fora de seu controle.

Coryn divisou a pedra-da-estrela, uma pedrinha reluzente, presa às traves-mestras. Parecia uma pedra-da-estrela normal, concedida a todas as crianças, conforme a tradição de família, no Festival de Solstício de Inverno, após o seu décimo-segundo aniversário, mas Coryn reconhecia essa pedra; era a que lhe pertencia. Ao fitá-la, uma luz azul chamejou em seu interior, como se em reconhecimento. Ouvira dizer que, com uma pedra como essa, um *laranzu* treinado era capaz de enviar um planador para onde desejasse, não apenas aonde os ventos incertos o levavam. A idéia despertou alguma coisa dentro dele, um anseio sem palavras.

*Ir aonde se escolhe, não onde o acaso o carrega. . .*

Coryn fitou sua pedra-da-estrela e visualizou o planador dando a volta para casa ao seu comando. Um fogo azul tremeluzia em suas profundezas. Seus nervos estavam à flor da pele e ele sentia um nó no estômago, tão revoltado quanto o planador. Ainda assim, ele mantinha os olhos fixos na pedra-da-estrela, procurando projetar-se cada vez mais fundo.

O fogo mudou de direção, se alastrando pelas encostas, saltando os aceiros, que se encontravam num estranho estado de desleixo. Em questão de instantes, as chamas se abateram sobre o mato e as árvores, varrendo tudo o que se encontrava em seu caminho. A relva ardia, formando ondas de fumaça. As árvores-de-resina se incendiaram. Quando as bolsas da seiva inflamável pegaram fogo, as árvores explodiram, uma após a outra, lançando brasas vivas por toda a parte. Rolos de fumaça, densa e acre, projetavam-se da floresta.

Ao longe, sinos de alarme soavam repetidas vezes à medida que todos os guardas das Hellers, de Aldaran até o Rio Kadarin, despertavam.

No instante seguinte, ele se encontrava sentado em sua cama no Castelo Verdanta, tiritando como se fosse a estação da neve, e não pleno verão, com sinos de alarme soando em seus ouvidos.

Cambaleando, Coryn calçou as botas e desceu correndo a escadaria. Tessa, sua irmã mais velha, corria pelo corredor com uma bandeja de pães recheados com carne fria. Ela estava usando um velho vestido cinza, muito curto, e remendado com refugos de roupas ainda mais velhas. Ela havia amarrado um lenço branco sobre os cabelos, de modo que parecia mais com uma criada da cozinha do que com a moça recatada de sempre, a filha mais velha do Lorde. Coryn apanhou um pão e enfiou na boca enquanto vestia a camisa. Para variar, ela não protestou.

No pátio externo do castelo, o amanhecer projetava sombras mudas sobre a terra arada. Uma brisa intermitente transmitia uma prévia do dia quente que seria.

O pátio fervilhava de movimento. Todos com idade suficiente para andar se encontravam ali, correndo em diferentes direções, portando pás e forcados, ancinhos, sacos e baldes, cobertores dobrados e panos surrados para bandagens. As aves do pátio grasnavam e batiam as asas, levantando mais poeira. Um dos cães do castelo corria de um lado para o outro, latindo. Homens esforçavam-se para prender pás e ancinhos nas selas dos *chervines* de carga. Padraic, o *coridom* do castelo, encontrava-se sobre a beirada da gamela maior, gritando ordens.

Coryn estacou no limiar, o coração disparado. Por um momento de terror, o pátio pareceu oscilar de um lado para o outro. Ele engoliu, sentindo um gosto amargo, e cambaleou.

*De novo não!* esbravejou ele silenciosamente. Ele não podia, não iria ficar doente. Não agora, quando todos os homens saudáveis acima de dez anos, fosse ele da família, servo ou hóspede, era necessário nas linhas de fogo.

— Você vem comigo para as barreiras, rapaz. — Eddard surgiu no pátio, gesticulando para que Coryn o seguisse. — Preparem os cavalos! — Eddard usava roupas de montaria, com um par de calças de couro maleáveis e botas, e portava dois rolos de mensagens embalados em seda impermeável. — Petro!

O outro irmão mais velho de Coryn, Petro, já se encontrava montado no lustroso negro de Armida, o cavalo mais veloz dos estábulos. Seu rosto estava corado e seu cabelo escuro, tão diferente do cobre brilhante de Coryn, desgrenhado, dava a ele o aspecto de medo e excitação ao mesmo tempo.

Eddard empurrou um dos rolos de mensagem na mão estendida de Petro.

— Esta é para Lorde Lanil Storn, um pedido imediato pela sua ajuda.

— Ajuda? — Indagou Petro, incrédulo. — De Storn? Estamos assim tão desesperados?

— Pedimos sob a trégua de fogo. Esse incêndio parece o pior de que se tem lembrança — disse Eddard, com uma consternação evidente. — Somente um tolo deixaria a casa de seu vizinho queimar, pensando que a sua está segura.

*Trégua de fogo*, Coryn repetiu silenciosamente. Mas será que isso adiantaria? Verdanta e Kinnaly atacavam as terras um do outro há tantos anos que poucos recordavam a disputa original. Ele achava que tinha algo a ver com a posse de um bosque de nogueiras que há muito tempo havia definhado devido á uma substância capaz de murchar raízes, lançada por acidente sobre as colinas por carros-aéreos de Isoldir.

— O pai também pede permissão para que passe na Torre em Tramontana. Se Lorde Storn conceder — disse Eddard, fazendo uma careta que deixava claro como a situação o desagradava — você deve entregar este segundo rolo para o Guardião, Kieran. Também lhe dê um cumprimento de parentes, pois ele é Aillard, parente da família de nossa avó.

Petro enfiou os rolos em seu cinturão, os olhos tempestuosos.

— Se *Dom* Danil acredita que pode levar alguma vantagem sobre nós esperando enquanto gastamos nossas forças no incêndio ou obstruindo o auxílio de Tramontana, não é um mero rolo de pergaminho que o fará mudar de idéia.

— Melhor conter sua língua — disse Eddard, um pouco severo — e repita apenas o que lhe foi ordenado e não um de seus discursos intermináveis. Sua missão é pedir ajuda ao homem, não passar-lhe um sermão a respeito dos males da sociedade moderna.

Petro deu-se por vencido.

— Farei o melhor que puder. Afinal de contas, o pai diz que se você tratar um homem como um nobre, será mais provável que ele se porte como um.

— Então trate de se apressar, rapaz, e que Aldones abençoe sua língua e os calcanhares de seu cavalo.

Petro acenou com a cabeça, esporeou seu cavalo e atravessou os portões a uma velocidade perigosa, espantando as aves do pátio.

Eddard gesticulou para um homem no meio do pátio que estava tendo dificuldades com os arreios de um *chervine*.

— Não! Assim, não!

O garanhão baio de Lorde Leynier, forte o suficiente para carregar até um gigante das lendas, relinchava e saltitava de um lado para o outro, batendo com o ombro no rapaz da cozinha que segurava sua rédea. O garoto se esparramou na poeira quando o cavalo empinou, batendo as patas no ar.

Coryn agarrou as rédeas antes que o animal pisoteasse o garoto. Os olhos do cavalo reviravam nas órbitas, e seu corpo fedia a medo. Ele colocou uma mão sobre o focinho, puxando sua cabeça para baixo.

— Calma, calma — murmurou. O cavalo resfolegou, os olhos menos frenéticos.

— Dê-me isso. — Lorde Beltran Leynier, alto e grisalho, mas ainda exibindo ombros fortes, apanhou as rédeas de Coryn e subiu na sela. — Primeiro destacamento, acompanhe-me! — Ele pôs-se a galopar em direção à estrada, e os homens montados e animais de carga foram logo atrás.

Ao dar um passo atrás, Coryn tropeçou no garoto da cozinha. O gorro do garoto saiu voando, revelando pálidos cabelos vermelhos, trançados desajeitadamente e enrolados em forma de coroa. *Aldones!* Era sua irmã caçula, Kristlin, vestida em refugos de algum servo. Ela tinha apenas oito anos, era jovem demais para ser designada para algo mais interessante do que enrolar bandagens ou picar cebolas. Pelo modo como olhou para ele, Coryn encontraria aranhas em sua cama se dissesse uma palavra que fosse para alguém.

— Coryn! Onde estão aqueles cavalos? — Eddard gritou do pátio.

Nas baias empoeiradas dos estábulos, os poucos cavalos que restavam pateavam e relinchavam. O cavaliço acabara de terminar de apertar a sela na égua cinza ossuda de Eddard. Coryn verificou as cilhas, o peitoral e os arreios de Dançarino, seu cavalo castanho, pois eles cruzariam terrenos acidentados e um escorregão da sela poderia ser fatal.

— Trate de se cuidar, seu jovem patife — disse o cavaliço. — Não vejo um incêndio ruim desse jeito desde que o burro de Durraman foi parido.

No pátio, Coryn montou aos trancos no lombo de Dançarino e entrou na fileira dos *chervines* de carga de Padraic. Ele e Eddard desceram a faixa de estrada, fazendo o maior estardalhaço, no dia que clareava.

Uma pluma de fumaça cor-de-rosa elevava-se das colinas verdejantes, ainda á muitos quilômetros de distância. Coryn era capaz de *sentir* o travo acre da tempestade, a sensação oleosa da fumaça de mato-sabão meio queimado, as cinzas em seu rosto.

O mundo revirava, o céu e as colinas verde-douradas se tornavam embaçadas... derretiam... Sentiu um travo ácido na garganta. Ele oscilou na sela, nauseado.

Agarrando com uma mão a crina castanho-amarelada e com a outra o cabeçote da sela, Coryn se esforçava para permanecer no lugar. Eddard, cavalgando à sua frente, não havia percebido. O espasmo de vertigem passara, deixando uma mucosa ácida na boca de Coryn.

Coryn levou a mão ao pescoço, onde sua pedra-da-estrela se encontrava isolada na bolsa de seda grossa que ele mesmo havia costurado. Sentiu sua luz interior como uma onda de calor em seus dedos.

Ele pensou infeliz que, se ao menos soubesse como usar a pedra-da-estrela e o planador, como em seu sonho, não haveria necessidade de mandar Petro às pressas para Tramontana, ou ficar à mercê de Alto Kinnally. Ele, Coryn, poderia voar e lançar os preciosos produtos químicos anti-incêndio feitos por *laran* diretamente sobre as chamas.

Com esse pensamento, ele apertou os lábios, cravou os calcanhares nos flancos de Dançarino, e pôs-se a galopar.



Coryn, juntamente com seu irmão Eddard e três pequenos proprietários da íngreme região fronteira nos arredores dos Picos, trabalharam durante o dia, limpando os aceiros estabelecidos e abrindo novos. Os incêndios do verão passado haviam sido menores do que o normal, mas o inverno fora brando. Uma folhagem densa, em sua maior parte mato-sabão inflamável, havia se alastrado em cada espaço aberto e fossa.

Na manhã seguinte, já era evidente que havia muito poucos homens, pois a terra era grande demais para limpar as barreiras de tudo o que fosse inflamável. Até o momento, o Alto Kinnally ainda não se manifestara. Talvez fosse muito cedo.

Eddard levou-os para a colina ao sul, acima do fogo, para verificar em que direção as chamas avançavam. Timas, o mais velho dos pequenos proprietários, estudou o vento, os arbustos secos, a inclinação das colinas. Ele trabalhava nas linhas de fogo de Verdanta desde que era garoto.

— Lá — ele apontou para a inclinação — e ali. Pode ver, milorde, como a terra assenta para canalizar as chamas para cima, na direção do bosque?

Coryn, mastigando um pedaço de pão de nozes besuntado com manteiga de *chervine* fermentada, seguiu o gesto do velho. O vento soprava irregular e apenas em uma direção. “*Se continuasse assim*”, tinha dito Timas, “*o fogo seguiria a trilha escarpada em direção a um vale protegido onde árvores-de-resina e pinheiros-de-fogo se aglomeravam. Mas se ele mudasse de direção...*”

O outro caminho, a inclinação rasa e regular, exibia apenas relva. Uma saliência de rocha nua separava as duas trilhas.

A visão de Coryn oscilou e ele sentiu a torrente das chamas fantasmas. Imagens acometiam-no... o vento ganhando força renovada, mudando de direção. Línguas estreitas de fogo lambiam a relva encrespada; o mato pegou fogo, as chamas corriam mais depressa do que um cavalo galopando. As sementes lançavam minúsculas brasas pelos ares ao estourarem, adiantando-se ao verdadeiro incêndio. Ele viu essas brasas aterrissarem na saliência rochosa e definharem com a mesma rapidez. O fogo deixava uma crosta negra para trás à medida que avançava sobre a inclinação.

A visão de Coryn acompanhava o fogo. Mais brasas aterrissavam sobre a rocha divisora. Além da sua linha de visão, o espaço se estreitava, a rocha enfraquecida pelos anos de calor de verão alternado com o frio congelante. Uma teia de aranha de minúsculas fendas enraizava erva daninha e outras gramíneas que cresciam depressa, que brotavam nas chuvas de primavera e morriam rapidamente com o calor. Uma única faísca aterrissou... sentiu-a pegar fogo, a chama súbita dos brotos de erva daninha secos. No instante seguinte, o fogo queimava nos dois lados da barreira, avançando na direção das árvores-de-resina.

*Se as árvores-de-resina pegarem fogo, perderemos todo este lado da montanha. . .*

Coryn pestanejou, dando-se conta de que um longo momento havia se passado.

—... mas será pior se o incêndio for para o sul. — Eddard dizia nesse momento. — É melhor não arriscar as árvores.

O velho sacudiu a cabeça, os olhos baixos diante do herdeiro de seu Lorde.

— Não dá para confiar na relva. — ele disse, obstinado.

— Timas tem razão — disse Coryn, um pouco surpreso pela confiança em sua voz. — O fogo... começará com a relva, mas não vai parar por aí. Lá em cima, além da saliência... — Rapidamente, ele descreveu o que tinha visto. Os outros homens fizeram silêncio, escutando.

— É isso mesmo — disse o velho, concordando com a cabeça. — Eu já vi fagulhas saltarem três metros ou mais. Rocha, rio, aceiro. Mas como sabia, jovem Lorde?

— Eu... eu vi. Aconteceu exatamente como você disse.

— Não, rapaz. Eu disse apenas como o fogo poderia ir. Para um lado ou para o outro, de acordo com o vento.

Coryn ergueu o queixo e encarou o irmão mais velho.

— O fogo vai naquela direção. Eu vi.

— Você acredita que viu, *chyiu*. — Eddard alisou para trás seu cabelo vermelho escuro, deixando-o tão rebelde quanto antes. — Mas se fizermos a escolha errada e deixarmos as árvores-de-resina desprotegidas...

— Lorde Eddard! — Um dos homens, que havia descido meio caminho na direção do fogo, gritou e apontou. — O vento!

— Maldição de Zandru! — Eddard cuspiu.

O vento havia mudado, transformando as chamas de tempestades de fogo em miniatura, queimando ainda mais quente e depressa do que antes. Na direção da inclinação gramada.

— Deixem que pegue o gramado! — Gritou Eddard, subindo em seu cavalo. — Para baixo, aonde Coryn viu o fogo avançar sobre a rocha! Com sorte chegaremos a tempo!

Coryn não podia se lembrar de ter estado tão entorpecido de exaustão, tão esgotado em cada músculo e fibra nervosa, enquanto ele e o velho Timas entravam aos tropeços no acampamento improvisado na terceira noite de incêndio. Eles haviam trabalhado sem pausa durante toda aquela noite e o dia seguinte, abrindo aceiros novos e maiores, arrancando relva e arbustos.

Eles salvaram as árvores-de-resina, apenas para perder as duas encostas seguintes e parte de um bosque de noqueiras. Coryn percebeu o medo nos olhos dos pequenos proprietários que dependiam do que suas crianças colhiam nas florestas para alimentar suas famílias durante as temporadas improdutivas. Os próximos invernos seriam difíceis, até que as noqueiras que não haviam sido totalmente queimadas pudessem dar frutos novamente.

Lorde Leynier era um homem generoso. Em tempos de necessidade, o castelo sacrificava alguns animais de seu rebanho, os mais velhos e fracos, para distribuir a carne e diminuir a demanda de grãos.

Agora, chegando o fim do terceiro dia, um rapaz montado num pônei trouxe ordens de Lorde Leynier para que os homens que haviam partido nos primeiros grupos fossem descansar. Havia chegado muitos substitutos das pequenas fazendas ao sul e ao leste. Mas eles não esperavam nenhuma ajuda do Alto Kinnally. Lorde Lanil Storn proibira que os homens e Petro atravessassem para Tramontana.

Ao saberem das notícias, os pequenos proprietários emitiram um lamento de consternação. Os rostos cobertos de cinzas ficaram ainda mais pálidos.

— *Vai dom* — disse um homem — como eles são capazes de recusar ajuda contra... contra o fogo?

Eddard apertou a mandíbula e por um momento Coryn viu os olhos de seu pai no rosto do irmão.

— Eu não sei se a sua intenção é deixar que desperdicemos nossas forças contra o fogo e depois atacar quando estivermos fracos, ou se ele é tolo o suficiente para pensar que o fogo permanecerá apenas em nossas terras.

Coryn pensou no antigo provérbio “*O fogo não conhece leis além das próprias.*” Então ele recordou que Kieran, o Guardião de Tramontana, era um primo distante de Aillard. As obrigações de sangue eram fortes nas Hellers.

— Talvez — ele disse em um daqueles lampejos de pensamento que eram agora muito frequentes — ele receie que a Torre possa nos dar outras coisas além dos produtos químicos contra incêndio.

— Está falando de armas? — Eddard esboçou uma expressão severa. — Se ao menos dessem! Isto é, se sobrar alguma coisa de nós depois que o incêndio acabar.

Eddard virou na direção dos cavalos, mas Coryn permaneceu por um momento com

## Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

